

EDUCAÇÃO POPULAR E ECONOMIA SOLIDÁRIA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL E NECESSÁRIO

Jaime José Zitkoski

Resumo

O presente trabalho se situa na discussão da temática Educação Popular e Movimentos Sociais, com enfoque nos processos pedagógicos vivenciados nas experiências da Economia Solidária, que se desenvolvem a partir de iniciativas da sociedade civil organizada no RS. O universo empírico da investigação está diretamente relacionado com projetos de Associações, ONGs, Cooperativas e Movimentos Sociais, que buscam construir alternativas socioeconômicas e de mudanças culturais na perspectiva da inclusão social e de organização da vida em sociedade a partir do desafio da emancipação social. O objetivo central da discussão e da análise de experiências de associativismo e Economia Solidária, na região metropolitana de Porto Alegre, é conhecer os processos pedagógicos, que estão sendo construídos nas relações entre diferentes saberes dos sujeitos envolvidos diretamente nos projetos associativos em relação aos processos sociais organizativos mais amplos e, igualmente, discutir os processos de elaboração e socialização dos conhecimentos voltados para o desafio de uma práxis de transformação social a partir do desafio de construirmos um *novo ethos cultural*. A obra de Freire é a referência central para debater os desafios da transformação cultural necessária para viabilizar um projeto de trabalho coletivo e solidário.

Palavras-chave

Educação Popular, Paulo Freire, Economia Solidária.



Abstract

The present work lies in the discussion of the theme Social Movements and Popular Education focusing on pedagogical processes experienced in the experiences of the Solidarity Economy, which are developed from initiatives of civil society organizations in RS. The universe of empirical research is directly related to projects of Associations, NGOs, cooperatives and social movements that seek to build socioeconomic alternatives and cultural changes in the perspective of social inclusion and organization of society from the challenge of social emancipation. The central purpose of discussion and analysis of experiences of associations and Solidarity Economy in the metropolitan region of Porto Alegre is to know the pedagogical processes that are being built on the relationships between different knowledge of those involved directly in associative projects in relation to organizational social processes and also discuss the process of drafting and socialization of knowledge for the challenge of a praxis of social transformation from the challenge of building a new *cultural ethos*. Freire's work is the central reference point to discuss the challenges of cultural transformation required to enable a team work project and solidarity.

Key words

Popular Education, Paulo Freire, Solidarity Economy.

1 EDUCAÇÃO POPULAR E CULTURA DA SOLIDARIEDADE

A Educação popular constitui-se em uma diversidade de experiências pedagógicas e de formação humana, que convergem para o desafio da emancipação social e da reinvenção nas formas de produzir a vida em sociedade. O trabalho associativo, organizado de forma coletiva nas experiências de Economia Solidária-



ria, desponta como uma perspectiva de Educação Popular diretamente engajada na luta por um novo projeto de sociedade para além da lógica capitalista e dos socialismos históricos.

Nesse sentido, entende-se por educação os amplos processos socioculturais inerentes às formas de organização da vida comunitária e a construção de saberes, que emergem da luta quotidiana para atingir uma vida mais digna nos grupos sociais diretamente envolvidos e a relação destes com o contexto socio-político mais amplo. Educação caracteriza-se, nessa perspectiva, como sinônimo de humanização e de mudança da qualidade de vida a partir da organização social e da efetivação concreta de projetos voltados para o processo de uma vida comunitária e social emancipatória.

O desafio se coloca na produção de uma nova cultura, solidária, democrática e libertária, em relação aos aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais da vida de cada pessoa, que participa diretamente das iniciativas e das propostas de economia solidária. A categoria trabalho – e a discussão da organização coletiva do mesmo – emerge como a categoria central nesse desafio de produzir uma nova cultura em sociedade.

Dessa forma, despontam no cenário atual da sociedade brasileira inúmeras iniciativas de economia popular, no campo e na cidade, que demonstram um novo potencial para enfrentar as graves consequências do processo de exclusão social, que está em curso na lógica do mercado mundial, sob a égide das políticas neoliberais. Mais do que completar o Estado Social, que no Brasil nunca chegou a existir de forma plena, a economia popular e solidária busca responder diretamente a crise do emprego assalariado, reinventando as formas de experienciar o trabalho via os processos de organização da produção associativa e do consumo solidário e justo em diversas modalidades de empreendimentos, que superam a lógica capitalista das relações de trabalho, produção e acesso à renda. Ou seja, “desempregados e subempregados juntam saberes e força de trabalho e constituem



pelo país afora grupos ou associações produtivas ou prestadoras de serviços. Os ramos mais comuns de atividades são artesanato, confecção, reciclagem, alimentação, agroecologia e serviços em gerais” (PINTO, 2006, p. 33).

Mas não se trata apenas de se obter trabalho e renda, por meio de saídas cooperativas e/ou de economia solidária. O que nos interessa discutir é se de fato emerge uma nova cultura nas relações mediadas pelo trabalho associativo, via economia solidária, e se este produz novos significados, novas solidariedades, que requalifiquem o sentido do trabalho, da produção e do consumo.

Há fortes motivos que podemos destacar na atualidade como razões para a busca da discussão no campo da Educação Popular, bem como da reorganização prática dos Movimentos Sociais Progressistas para a construção da emancipação social. Dentre eles, impõe-se a nós, hoje, a análise mais detalhada da crise dos paradigmas tradicionais nas dimensões da economia, da política e da organização social, além dos desafios da Educação Popular frente ao mundo cultural contemporâneo e a necessidade da reinvenção do poder, enquanto projeto emancipatório dos povos oprimidos em nível mundial.

A reflexão sobre os desafios futuros da Educação Popular precisa enfrentar o debate sobre a construção de um novo projeto de sociedade, para além do socialismo autoritário e do atual capitalismo global, altamente excludente em termos humanos e sociais e destrutivo em relação ao planeta e ao futuro da vida.

Discutir um novo projeto social requer, sobretudo, ousadia, criatividade e esperança das classes populares na busca de “reinventar o poder”, enquanto meta prática das organizações e atividades locais articuladas com movimentos de estratégias políticas mais amplas (SANTOS, 2002), inclusive de âmbito internacional. Ou seja, os Novos Movimentos Sociais, que emergem no atual cenário político-social cada vez mais mundializado, necessitam organizar-se à luz de articulações mais globais, como hoje pretende a organização do Fórum Social



Mundial, para fazer frente à globalização neoliberal excludente e perversa, para bilhões de pessoas no mundo todo, que ignora os problemas de ordem social, cultural, política e do cotidiano da população, produzidos pela própria lógica dos mercados controladores das sociedades em nível mundial, excluindo milhões de pessoas de seus postos de trabalho e do acesso às condições sociais para uma vida digna.

Eis o grande desafio e, ao mesmo tempo, potencial de resistência e construção de alternativas, que as experiências de Economia Solidária nos colocam em relação à necessidade de repensar as lógicas da produção da vida em sociedade (SANTOS, 2003).

2 EDUCAÇÃO POPULAR E REINVENÇÃO DO PODER

A reinvenção do poder é, sem sombra de dúvida, o desafio mais crítico e exigente no âmbito dos Movimentos Sociais e da Educação Popular. Não basta apenas lutar pela conquista do poder à semelhança das estratégias tradicionais de um passado recente, que, na grande maioria de suas concretizações práticas, resultou em amplas frustrações das expectativas sociais e da esperança das classes populares por transformações substanciais da vida concreta.

Para além da estratégia de conquista do poder, faz-se necessário organizar o embate político para a construção de novas relações sociais, verdadeiramente democráticas, implicando, assim, outros valores culturais, que possam efetivamente construir a reinvenção da democracia, superando seu molde puramente representativo, hoje, profundamente desgastado e ineficiente frente às demandas sociais. Nessa direção, faz-se necessário aos Movimentos Sociais (SANTOS, 1998) organizar embates práticos, que ocupem espaços político-sociais desde o poder instituído para, de modo estratégico e gradativo, recriar as estruturas sociais e políticas. E, nessa direção, através de movimentos articulados em rede – forta-



lecendo as experiências de solidariedade locais – construir a cidadania coletiva e emancipatória em direção a um novo projeto de sociedade (SANTOS, 2003).

Torna-se necessário à Educação Popular, que quer desenvolver alternativas de emancipação social, construir um horizonte novo de poder, que potencialize os espaços sociais quotidianamente vivenciados pelas classes populares como estratégia de união entre diferentes setores sociais para cultivar, como bem coloca Freire, a revolução cultural.

A revolução cultural toma a sociedade em reconstrução em sua totalidade, nos múltiplos quefazeres dos homens, como campo de sua ação transformadora (...) A reconstrução da sociedade (...) tem na cultura, que culturalmente se refaz, o seu instrumento fundamental". Desta maneira, o poder revolucionário (...) não é apenas um poder, mas um novo poder (...) (1993, p. 156).

Nesse sentido, reinventar o poder exige, também, que já as formas de conquistá-lo sejam essencialmente diferentes das práticas autoritárias sofridas historicamente pelos oprimidos. Um primeiro desafio é construir novas relações, começando pela organização do trabalho a partir das perspectivas das classes operárias, organizando-se em autogestão dos processos produtivos.

Há, portanto, muitos caminhos já percorridos e outros tantos ainda para conquistar pela prática efetiva do exercício da cidadania coletiva através da organização da sociedade civil na busca de uma nova cidadania. Esses espaços é que poderão constituir novos movimentos e formas de organizar a sociedade, que possam ser, desse modo, a esperança de grandes alterações no cenário político, econômico, cultural e social da atualidade. Pois a história humana é possibilidade, movimento e desafio de humanização (FREIRE, 1994) dos povos em seus processos socioculturais concretos.



3 A ESPERANÇA QUE DESPONTA NOS PROJETOS DO TRABALHO COLETIVO

No atual contexto, construir novas possibilidades para viver em um mundo mais belo e feliz é uma utopia, que realimenta os sonhos do paradigma da Educação Popular, mesmo em tempos de incertezas como os que hoje experienciamos no Brasil e no mundo. E as experiências de economia solidária, que recentemente despontam no Brasil, demonstram um potencial emancipatório e criativo em termos de construir um mundo mais humanizado e uma cultura da vida comunitária (GADOTTI e GUTIÉRREZ, 1993) e dos vínculos de solidariedade.

Sem dúvida, a experiência pioneira remonta ao Programa de Economia Popular e Solidária do governo gaúcho (1999, 2002). No Estado gaúcho, mais de 140 empreendimentos solidários, envolvendo aproximadamente 10 mil trabalhadores diretos, foram alvo de ações de capacitação, apoio técnico e jurídico, financiamento, comercialização e estruturação de cadeias produtivas (PINTO, 2006, p. 35).

A prática de parcerias entre grupos organizados em diferentes setores e formas organizativas, que emergem das classes populares, mostra que é possível avançar em termos de criar alternativas diante do paradigma capitalista do trabalho assalariado. As cooperativas de trabalhadores autônomos em reciclagem de lixo no meio urbano, ou no trabalho dos assentados do MST, que venho pesquisando há mais de dois anos na região metropolitana de Porto Alegre, demonstram que é possível superar a estreita vinculação entre: trabalho – salário – consumo. Os vínculos de solidariedade, fundamentando a organização do trabalho coletivo, produzem outra perspectiva para além da lógica reducionista do paradigma do capital.

Outro ponto de real importância, para a Educação Popular, e que está diretamente ligado com uma concepção de história como possibilidade, é a visão



de mundo relativa e não relativista frente à verdade e/ou ao sentido da história humana e da vida em sociedade. Ou seja, não há apenas uma forma de luta em prol da transformação social, e o movimento operário, por maior força que teve e tem nos processos de transformação na história da humanidade, não é a única força histórica, que desponta na contemporaneidade como perspectiva de libertação humana. Precisamos reinventar nossas formas de luta e unir os diferentes para lutar contra os antagonicos (FREIRE, 1994).

Nessa perspectiva, a unidade na diversidade é o caminho mais fecundo e criativo para que, mantendo a utopia e o projeto de transformação social, possamos impulsionar novas práticas libertárias capazes de romper com a inércia das massas populacionais, hoje, anestesiadas pela cultura industrial, alienante e homogeneizadora das consciências. A partir de cada realidade local, ou regional, é possível articular movimentos mais amplos de resistência, lutas e caminhos alternativos rumo à construção de um mundo mais livre, humano e solidário.

A luta pelos direitos humanos, por exemplo, é uma expressão da própria diversidade existente nas realidades específicas de uma sociedade, hoje, cada vez mais complexa e desafiadora. As demandas são específicas, em um primeiro momento, mas há tramas, que constituem a unidade da luta pelo respeito à dignidade das pessoas humanas. Essa unidade do movimento popular é algo que se constrói socialmente como uma tarefa que está na frente, pois nasce das diversidades existentes na realidade local, específica. É nesse sentido que

As mulheres, enquanto pessoas iguais aos homens, exigem que se respeite e não se discrimine sua diferença; os indivíduos de diferentes etnias, enquanto cidadãos iguais aos outros, exigem a dignidade da sua diferença; as regiões periféricas levantam-se num processo similar diante dos centros metropolitanos (PALMA, 1994, p. 36-37).

Portanto, os desafios colocados para a Educação Popular, na perspectiva de desenvolver projetos com potencial de emancipação social, apontam para a necessidade de dialogar com novas experiências de luta contra-hegemônica e de



construção de uma cultura de resistência diante dos processos de exclusão social. Dentre o novo, se colocam as experiências de economia solidária na busca de construir uma nova cultura do trabalho e do empoderamento dos oprimidos para lutarem por transformações sociais em favor das classes populares.

REFERÊNCIAS

DUSSEL, Enrique. Ética de la Liberación. In: **Ética do Discurso e Filosofia da Libertação: Modelos Complementares**. São Leopoldo: Unisinos, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1993. 22ª ed.

_____. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. 3ª ed.

_____. **A Sombra Desta Mangueira**. São Paulo: Olho D'água, 1995.

_____. **Conscientização**. São Paulo: Ed. Moraes, 1980, 3ª ed.

_____. **Extensão ou Comunicação?** 10ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo & GUIMARÃES, Sérgio. **Aprendendo com a Própria História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire: Uma Biobibliografia**. São Paulo: Cortez, 1996.

_____ & GUTIÉRREZ, Francisco. **Educação Comunitária e Economia Popular**. São Paulo: Cortez, 1993.

GOLSALVES, Elisa Pereira. Educação Popular: entre a modernidade e a Pós-modernidade. In: **Educação Popular**. São Paulo: Loyola, 1998.

MCLAREN, Peter *et al.* (org). **Paulo Freire: poder, desejo e Memória da Libertação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.



PALMA, Diego. O clima da Pós-modernidade, a crise e a educação Popular. In: **O Pêndulo das Ideologias**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

PINTO, João Roberto L. **Economia Solidária: de volta à arte da associação**. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as Ciências**. Porto: Ed. Afrontamento, 1993.

_____ (org.) **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____ (org.) **Democratizar a Democracia: os caminhos da democracia participativa**. Rio de Janeiro ; Civilização brasileira, 2002.

ZITKOSKI, Jaime José. **Horizontes da Refundamentação em Educação Popular: um diálogo entre Freire e Habermas**. Frederico Westphalen: EDURI, 2000.

